

IDAS E VINDAS: ÁFRICAS, AMÉRICAS TRAJETÓRIAS IMAGINÁRIAS E POLÍTICAS

VICTORIEN LAVOU ZOUNGBO*

Tradução
Fernanda Murad Machado**

RESUMO

O Autor questiona a globalização, a invenção da modernidade colonial e noções de diáspora no Novo Mundo, que correm o risco de engessar uma África plural e perder de vista diásporas contemporâneas na Europa e no Ocidente.

Estas, assim como mostram a continuidade da miragem ocidental e indicam a falência das promessas da independência, acarretando negatividades às Áfricas, chamam atenção crítica para diversas e contraditórias experiências de migrantes africanos e afrodescendentes retornados.

PALAVRAS-CHAVE: Experiências diaspóricas, fluxos e refluxos da diáspora, traumas e trajetórias de diásporas.

ABSTRACT

In this paper, the author questions the globalization, the invention of colonial modernity and the notions of diaspora in the New World, which run the risk of make a plaster Plural Africa and lose sight of contemporary diasporas in Europe and in the West.

These points, as well as show the continuity of western mirage and indicate the failure of the independence promises, leading to negativity of many Africas, ask for critical attention to diverse and contradictory experiences of African descent and returned African migrants.

KEYWORDS: Diasporic experiences, diasporas flows and refluxes, traumas and diasporas trajectories.

A Matinda e Léo,
Nascido(a)s (também) de um papai vivendo a diásporação

A Jean-Yves Paraíso,
um diaspórico arguto e lúcido

Mas os povos da África negra ficaram apartados por muito tempo de qualquer relação com sua diáspora nas Américas, até o momento em que funcionários subalternos oriundos das Antilhas foram enviados para auxiliar a colonização dessas regiões da África a partir do início do século vinte, depois dos africanos liberados do tráfico negreiro nos séculos dezesete e dezoito terem sido enviados à Serra Leoa e dos negros americanos terem se incumbido, no século dezenove e com o amparo dos Estados Unidos, da criação do Estado da Libéria. Talvez não tenha sido, em nenhum destes dois casos, a melhor maneira dos africanos retomarem contato com o passado do tráfico e com o devir dessa dolorosa diáspora.

Edouard Glissant¹

Perdi minha alma acima de um oceano. Sou um pedaço de diferença que encoleriza os imbecis. Meus passos nas ruas erguem as muralhas e reforçam as pedras da indiferença. Eu o emigrado, a estrela exilada, sigo com a cabeça pendente. Tento não pensar muito, ser um papel amassado, caso alguns anjos venham me carregar até o céu, perto do Senhor. Sou um barulho, quase um sopro. E no entanto, a velha na minha frente foge, com sua bolsa apertada embaixo do braço... Sou transparente. Uma palavra difícil de se pronunciar. Um mal que se pega. Mas você amigo, você, escute sem julgar, deixe-me viver perto do mundo, o tempo de uma estrela, de mais uma lua crescente e ouça: Neste cômodo tão amplo quanto um caixão – MINHA CASA²

Para começar, gostaria de agradecer à minha colega Maria Antonieta Antonacci por me dar a oportunidade de poder dialogar, a partir dos espaços em que me situo (France, Université de Perpignan Via Domitia, GRENAL,³ etc.), com outros colegas neste número especial centrado na diáspora. Optei assim por retomar uma questão, antiga, talvez, mas cuja atualidade ética e o interesse crítico são, na minha opinião, inegáveis. A questão dos « retornos » à

Africa do(a)s afro-descendentes e os sentidos que lhes podem ser atribuídos, sobretudo nos contextos atuais de globalização desenfreada.

Tentaremos, num primeiro momento, eliminar qualquer equívoco ou obstáculo que espreeita, fatalmente ou necessariamente, esse projeto. Ao invés de « retornos », talvez seja mais judicioso falar de « desvios » pela África (seus símbolos, suas diferentes representações, inclusive a cor negra que parece vincular-se a ela indefectivelmente),⁴ mesmo que em certos casos, como no Daomé, atual Benim (1830), na Serra Leoa (1787), na Libéria (1849), tenha havido realmente um enraizamento dos antigo(a)s escravizado(a)s e de seus descendentes.

Por que então falar de “desvios”? Isso já me dá, parcialmente, uma percepção comum e poderosa, que implicaria na existência de um ponto de partida fixo, perfeitamente homogêneo (em todo o caso, pouco diferenciado) e claramente identificável, em todas as suas formações culturais e étnicas, do qual, devido a uma história absolutamente violenta e horrível, milhares de pessoas foram arrancadas (a discussão em torno de cifras é mesquinha e ofensiva) para serem transportadas a outros espaços, incertos, para elas, para novas « regiões do mundo »⁵ inventadas pela modernidade colonial. A brutalidade da queda nesses espaços, que se concretizava no ventre do navio negreiro, da plantação escravagista e nas minas a céu aberto, o decorrente abandono do humano-negro (como diria Aimé Césaire, o negro fundamental), transformado em instrumento útil, e também as resistências e os combates multiformes desse humano reificado por sua sobrevivência e sua inalienável liberdade, estão na origem do desejo de retorno a uma matriz original, ao «*homeland*» de onde foi desmamado e subjugado desde tempos muito remotos; entretanto, o trabalho das memórias coletivas, que voltam às fontes e são transmitidas de geração em geração constantemente, reduziu consideravelmente esse abismo temporal e espacial.⁶

O deslocamento coagido e forçado para outros lugares e a dispersão (nas Américas/Caribe) que resultou dele, são designados de diferentes maneiras, sem que haja um consenso. Para Paul Gilroy,⁷ e outros, trata-se da origem da « diáspora » dos Africanos, dos Afro-descendentes. Para Patrick Chamoiseau, mais do que uma diáspora oriunda da « experiência do abismo »

(E. Glissant), seria um «fluxo antropológico».⁸ De qualquer modo, temos que convir que a noção de «diáspora», aplicada às experiências históricas transcontinentais do(a)s afro-descendentes, no campo teórico e das pesquisas afro-americanas, tem bases hermenêuticas rigorosas e sérias, já a noção de «fluxo antropológico» me parece apenas um achado brilhante cuja operatividade não está assegurada nem garantida.

Partimos, portanto, de uma percepção das relações entre África e as diásporas que é tenaz, e até mesmo hegemônica, em alguns meios universitários ou políticos, nas iniciativas de representação do(a)s afro-descendentes na Euro-América, assim como na África, no plural.⁹ Sem negar seus atrativos e sua legitimidade, gostaria de me afastar desta percepção, em parte, devido pelo menos duas razões:

1. Ela contribui, se atentarmos, em manter a África em uma autêntica fixidade que acaba por condená-la; é possível medir os estragos políticos e simbólicos desta representação da África, através de inúmeros exemplos de um discurso do presidente francês, Nicolas Sarkozy, em Dakar (2007); péssimo discurso, ao qual não me aterei. Em contrapartida, citarei E. Glissant, que indicava, de certa maneira, os riscos de engessamento da África:

Nunca gostei de um grande sucesso da literatura negra que é *Roots*. Por que? Porque seu autor acha que pode retornar ao vilarejo de onde partiu e reconhecer seus primos. Acho isso inacreditável, porque isso quer dizer que as pessoas tomam a África por uma coisa que se manteve tal e qual depois da nossa partida. A África tem sua história, seus problemas, suas divisões, seu movimento, sua energia. Não quero considerar a África como uma coisa e dizer: “parti, voltei”. O que quer dizer isso? É como se a África não fosse um corpo vivo que evoluiu, que se diversificou, que teve outros sofrimentos, que ainda hoje sofre pela exploração do tráfico negreiro. Distanciei-me das teorias do afrocentrismo em nome da África... A África tem a sua história. Nós tivemos a nossa. Temos coisas em comum, mas isso não é uma razão.¹⁰

Portanto é completamente diferente identificar os «desvios» pela África como um recurso ou dispositivo político e/ou imaginário que permita contestar (e libertar) certos artifícios coercitivos dos imaginários hegemônicos da Euro-América que continuam a desvalorizar os sujeitos africanos e seus/suas descendentes, assimilando-os à bestialidade, ao primitivismo, a uma infan-

tilidade culpada que os torna ontologicamente inaptos, com exceção daquele(a)s conhecido(a)s na mídia, aos benefícios do Progresso, da Civilização, da Democracia ou da Ciência.¹¹

Dessa maneira, se desejamos abandonar uma visão romântica e ingênua, é preciso perceber que esses “desvios” pela África vinculam-se a contextos políticos e imaginários e a temporalidades que levam em conta, na falta, o que Toni Morrison designa como “*The pain of being Black in America*”; Richard Wright, por sua vez, fala de uma “dupla ambivalência”; já WEB Dubois et Nicolas Guillén usariam, respectivamente, os termos “*double consciousness*” e “*balada de los dos abuelos*” ou da dupla ancestralidade branca e negra, dificilmente assumida e carregada pelos imaginários hegemônicos da Euro-América.

2. A segunda razão está relacionada aos desenvolvimentos críticos (e heurísticos atuais) em torno do que Paul Gilroy denominou « Atlântico negro »; a meu ver, isso possibilitou que se revisitasse a irrevogável proximidade ou estrutura de afetos em ação e a linearidade temporal positiva entre a África e suas diferentes diásporas, sejam elas afro-descendentes ou africanas. Não devemos esquecer que, devido à globalização, há muitas diásporas (africanas negras) presentes na Europa ou no Ocidente, particularmente nas Américas/Caribe, cujas esperanças e agendas políticas, cidadãos ou cujos pedidos de reconhecimentos (memoriais) não convergem, necessariamente, com os dos afrodescendentes.¹²

De modo geral, a existência dessas diásporas negras africanas mostra (ainda) a miragem de um Ocidente/Europa¹³ provedor incontestável e incontestado de bem estar, de segurança e de um futuro garantido, mas ela também indica a falência das promessas depositadas nas Independências assim como o peso de uma certa ordem do mundo que decaí, negativamente, sobre África,¹⁴ sobre o destino de seus sujeitos. Essa constatação, que alguns julgaram, equivocadamente ou com razão, injusta ou alarmista, não deveria no entanto conduzir a uma necropolítica que se caracterizaria por um amontoado de malfeitos que se abateram sobre a África (negra). Uma visão rigorosa e lúcida da história colonial desse continente, e também das condições socio-políticas em que suas independências ocorreram,¹⁵ possibilitaria mostrar como a África superou com coragem, apesar de tudo, os duros desafios que

colocavam à prova (e ainda colocam) sua unidade e/ou a integridade dos países que a compõem. Isso poria em xeque algumas ciências quantitativas que tem a péssima tendência a vincular, automaticamente, as aventuras e desventuras da África à multiplicidade de suas línguas, etnias, etc.¹⁶ Esquecendo muitas vezes que essa medonha aritmética deu lugar, em toda parte, às guerras civis ou à perseguição ao estrangeiro,¹⁷ visto que, principalmente depois das Independências, o(a)s africano(a)s não vivem mais, necessariamente, em seu país natal. Dito isto, devo enfatizar que há uma diáspora massiva na África que merece uma atenção rigorosa: quantos cabo-verdianos vivem em Dakar (Senegal)? Quantas pessoas originárias da África Central vivem na África Ocidental e vice-versa? Quanto(a)s burkinabês foram morar em Abidjan (Costa do Marfim)? Todos eles e todas elas, de onde quer que venham (mesmo nascidos em seus novos espaços Mundo-África), são estranhos estrangeiros, uma ameaça para o ser nacional imaginado? Seus deslocamentos, suas migrações trazem a marca de uma consciência transafricana que segue seu curso ou da falta desta última? E o(a)s refugiado(a)s confinado(a)s em uma situação provisório que dura, entre duas fronteiras ou nos confins da fronteira de um Estado na África? E os intelectuais negro-africanos cada vez mais presentes em diversos ramos de ofícios, inclusive nas universidades, na Europa e nas Américas?

Assim, o que eu gostaria de compartilhar com os outros participantes deste número (e com os eventuais leitores) não é exatamente um relato seguro e coerente dos “retornos” à África do(a)s afro-descendentes, mesmo que isso seja interessante, mas uma preocupação: chamar a atenção crítica para experiências diversas e contraditórias do(a)s migrantes africano(a)s, e sobre-tudo, afro-descendentes “retornado(a)s”, e jogar luz nos debates sobre os significados que lhes foram atribuídos. Para tentar situar melhor esses debates, citarei algumas declarações de personalidades cujas trajetórias políticas e imaginárias foram marcadas por retornos físicos, momentâneos ou definitivos, à África:

Delany Martin,

As primeiras visões e impressões da costa da África são sempre exaltantes e produzem as emoções mais agradáveis. Essas sensações prazerosas continuam vários dias, mais ou menos, até que se fundem em uma excitação intensa... um entusiasmo próximo da ebriedade... como a sensação produzida pela champanhe... Esses primeiros sintomas são

seguidos por um relaxamento dos sentimentos que se traduz por uma propensão a bocejar como sob o efeito da fadiga. Estes últimos dão lugar às vezes a ataques febris... Um sentimento de ter deixado a terra natal por uma terra estrangeira; um desejo quase frenético de ver os amigos e a família, o abatimento e o desespero diante da possibilidade de jamais revê-los... Quando sobrevém a cura total, o amor ao país é o que há de mais ardente e durável.¹⁸

Edward Wilmot Blyden,

Encontramos o Negro nos quatro cantos do mundo. Ele atravessou a Arábia, a Pérsia e a Índia, até a China. Atravessou o Atlântico até o hemisfério ocidental, onde trabalhou nas antigas e novas colônias da América... Em todos os lugares, ele é um objeto familiar, e, em todos os lugares fora da África, ele está a serviço dos outros... A África se distinguiu por ter servido e sofrido. Por isso seu destino parece com o do antigo povo de Deus, os Hebreus, que eram conhecidos entre os egípcios como os servidores de todos, e que mais tarde, entre os romanos, foram classificados por Cícero entre as nações “nascidas para a servidão”, e, tiveram como única proteção, em meio a uma população arrogante, o “desprezo que inspiravam”.¹⁹

Mas como sabemos, além dessas duas passagens emblemáticas, podemos citar muitos outros casos de “retornos”/”desvios” à e pela África. Mencionarei alguns, de maneira vaga, esperando ser perdoado:

- A “morte voluntária” (P. Gilroy) dos escravizado(a)s nos porões dos navios negreiros e nas plantações, que também demonstra aliás a recusa absoluta à coisificação;
- As formações religiosas e as músicas²⁰ afro-latino-americanas;
- Os funcionários antilhanos que foram governadores ou exerceram outras funções (como Félix Eboué, René Maran ou Guy Tirolien)²¹ na África durante o período colonial. Em seus diferentes relatos surge, frequentemente, uma espécie de “*double bind*” devido à posição de servidores de um sistema que explora e desvaloriza tanto seus países de origem quanto as colônias que são encarregados de administrar. A isso se somam as complexas relações de filiação, afiliação, identificação que cultivam com a África e com o(a)s africano(a)s;
- Os movimentos de “reafricanização” que eclodiram após a Segunda Guerra nas Américas/Caribe. Porém gostaria de enfatizar a ambivalência desse termo; de fato, nos discursos hegemônicos, a “reafricanização” nada mais é do

que o retorno de um recalque que, através de uma irrupção pública, descontrolada e irracional, viria afetar a estabilidade e a soberba de um “Eu” ou de um “Nós” euro-ocidental. Desse ponto de vista, o significante “Negro”, que para muitos remete inelutável e indiscutivelmente à África, designaria, portanto, todos os não-brancos que ameaçariam a pureza sonhada da Euro-América ou a idiossincrasia crioula: africanos, *coolies*, chineses, paquistaneses, libaneses, etc;

- O retorno, em momentos descontínuos, dos Rastafáris da Jamaica e da Inglaterra à Etiópia²² e também à Gana. É interessante observar que, neste caso, o retorno não implica à costa Atlântica, mas ao Caribe e à África do Leste. É preciso lembrar, para situar a importância desta última localização, que a Etiópia, desde os tempos coloniais, e mesmo muito antes disso, era o *analogon* da África (negra). Questiona-se assim que espaço ocupa esse retorno da historiografia africana em geral e etíope em particular, nos manuais escolares de história deste país, por exemplo. Da mesma forma, podemos indagar sobre os vínculos efetivos tecidos ou existentes entre esse(a)s “migrantes”/ “estrangeiros” (dupla coerção) do Caribe (pós Segunda Guerra Mundial) e o restante da população, sobretudo após a queda do Império em 1974;

- A figura contraditória de Marcus Garvey (1887-1940) e de seu movimento a UNIA, que também desempenharam um papel incontestável no “nacionalismo negro”, para sermos sintéticos;²³

- A figura de Bob Marley, cujo aniversário de 30 anos de desaparecimento é comemorado este ano. Por meio do *Reggae*, ele enraizou esta dimensão de “retorno” à África nos imaginários do(a)s afro-descendentes; foi convidado para participar, no Zimbábue, das cerimônias oficiais que marcaram a independência do país, conquistada após uma verdadeira guerra de libertação;

- Maya Angelou e sua estadia em Gana, e também Myriam Makeba, sul-africana, que se engajou contra a *apartheid* e, por essa razão, exilou-se nos EUA, onde se casou com Carmichael, antilhano, um dos líderes do movimento político Black Panthers;

- Malcom X e sua “turnê africana” (Egito, Gana);

- O movimento panafricanista, o Renascimento do Harlem, a Negritude, a criação da revista *Présence africaine* (1947) por Alioune Diop, e os dois importantes congressos transcontinentais (1956-1959) que organizou em Paris e Roma;²⁴

- A figura do negro *marron*,²⁵ tanto uma antonomásia da resistência nas literaturas caribenhas e antilhanas, como um símbolo, por antonomásia, do africano anti-moderno (nos termos de P. Gilroy) na medida em que rejeita categoricamente o abandono do humano-negro e denuncia, com seu gesto, os fundamentos políticos e metafísicos da modernidade colonial. Yanga no México, Bioho na Colômbia, Bouckman, Biassou, Toussaint Louverture e Mackandal, no Haiti, são algumas das figuras emblemáticas de negros *marrons*;

- As experiências imaginárias e políticas do retorno físico à África ocorridas na Libéria, na Serra Leoa, na Guiné Equatorial, no Togo, na Nigéria, no Daomé, atual república do Benin, na África do Oeste.

Gostaria de me ater, brevemente, a este último país, tendo em vista a experiência dos “brasileiros” ou “retornados” que foram ao Daomé, sua terra natal.²⁶ As experiências individuais e coletivas dos chamados “Agoudas” (outra de suas (auto)designações) talvez sintetizem bem as ambivalências e contradições relacionadas aos “retornos” à África, que são perceptíveis nos pioneiros, promotores e defensores desses “retornos” (Blyden, Delany, etc.).

Podemos começar apresentando uma estatística, mais uma!, fiável da experiência desses brasileiros que retornaram à terra natal.

The precise volume of this movement is not known, due to the lack of exact statistical material, and the estimates of scholars vary greatly. Turner assumed the number of returnees about 4,000. According to Manuela Carneiro da Cunha, 3,500 ex-slaves returned to West Africa between 1820 and 1820, and 4, 578 individuals (3,000 Africans and 1,278 Creoles) between 1850 and 1899...²⁷

Farei referência agora ao artigo de M. Jean-Yves Paraíso,²⁸ professor da UPDV e descendente de “brasileiros”; sintetizarei sua análise à qual remeto, aliás, os leitores. M. Paraíso centra-se na gênese desta “comunidade híbrida”, termo usado pelo autor, que estrutura-se, fundamentalmente, nas memórias paradoxais da “experiência do abismo”; de fato, o Daomé, assim como a mal reputada “costa dos escravos”, foi um dos mais importantes portos negreiros da África do Oeste. A abolição do tráfico no Brasil, a participação do(a)s escravizado(a)s em inúmeras rebeliões negras na Bahia, como a dos Malês, além do medo, disseminado entre as elites do Brasil pós-colonial, do contágio da raça

branca por defeitos, assim como o desejo de escapar de vexações múltiplas e humilhantes, são fatores que explicam os “retornos” dos “afro-brasileiros” ao Daomé, ao seu país de outrora. Encontramos, inicialmente, essas mesmas explicações em outros historiadores, a exemplo de Pierre Verger, a quem M. Paraíso prestou homenagem.²⁹

Os “retornados” se instalaram na costa, principalmente onde tinham se estabelecido os antigos escravagistas portugueses e os brasileiros brancos; esses dois grupos, paradoxalmente, se fundiram e deram lugar à comunidade dos “Agoudas”; essa comunidade baseia-se, segundo Paraíso, em códigos específicos, particularmente a exclusão de qualquer pesquisa genealógica sobre a terra africana de outrora e da evocação da escravidão transatlântica; a comunidade dos “Agoudas” caracteriza-se, igualmente, pela endogamia, pela opção por memórias associadas às práticas culturais brasileiras (arquitetura, língua portuguesa, religião sincrética, vestuário, culinária, onomástica, etc.), pelo desprezo, além da suspeita arraigada, em relação aos daomeanos/beninenses de “raça pura”, sobretudo no final do século XIX e início do XX. Os “Agoudas”, após a Conferência de Berlim de 1884,³⁰ que atribuiu essa parte da África à França, serviram de apoio para a penetração colonial francesa, o que foi a razão de solidas inimizades com os “autóctones” beninenses, quando brilharam os sóis das independências na década de 1960. Além de surgirem fissuras na união dos “agoudas” (sobretudo quando Mathieu Kérékou tomou o poder), seus membros perderam a posição hegemônica que ocupavam no comércio, na política e na administração. A questão da influência política, social e cultural da comunidade dos “Agoudas” atualmente no Benin, mereceria ser desenvolvida.

No fim das contas, uma generalização necessariamente culpada?, a África, como podemos ver, fonte de regeneração e de redenção (subtexto político ambivalente presente no discurso de promotores afro-descendentes do “retorno” à terra de outrora) para os “Agoudas”, simboliza, também, conflitos de poder e dominação, lutas pela sobrevivência, obsessão por distinção social. A (re)territorialização africana também traz à tona memórias feridas, dolorosas e vivazes marcadas pela “experiência do abismo”. Tudo leva a crer que a experiência do “retorno” dos “Agoudas” para o Daomé/Benin seja distinta, talvez (seria necessário estabelecer comparações rigorosas), da dos

“retornado(a)s” da Etiópia; entretanto, mesmo sem ter acarretado dramáticas brutalidades políticas, o “retorno” dos “Agoudas” certamente não se distancia muito de determinados aspectos ontológicos ligados às experiências do(a)s “retornado(a)s” de Serra Leoa e da Libéria. Reconheço, na esteira de outros pesquisadores, que seria necessário o cruzamento de pontos de vista fundamentados em diferentes dados. Esta pista permanecerá assim temporariamente aberta.

Para concluir esta travessia incerta, eu diria que os “desvios” pela África e os “retornos” à África ainda permanecem em grande parte desconhecidos, e são raramente objeto de pesquisas historiográficas. E, no entanto, esses “desvios”/“retornos” suscitam numerosos e espinhosos questionamentos referentes às filiações, às afiliações ou desafiliações,³¹ ao reconhecimento e às identificações das heranças africanas,³² inclusive das memórias dolorosas da escravidão. Esses “desvios”/“retornos” não só questionam as trocas em sentidos múltiplos, entre as diásporas negras e a África (negra), mas também revelam um poder de ação imaginário e político, renovado continuamente, dos africanos e afro-descendentes. Este último aspecto não é desprovido de importância em tempos de globalização furiosa, nos quais a África, segundo certas estatísticas, não parece ter grande peso; daí a construção do discurso sensato que teorizaria um afro-pessimismo, seja suposto ou real.³³

As respostas a este conjunto de questões (não exaustivas) só podem ser parciais, frágeis e provisórias. Elas devem, sobretudo, abrir caminho para a complexidade. Seja como for, não podem ser reduzidas à pobre mas perigosa (por ser amplamente difundida) dialética entre “país real” e “país sonhado”; deveriam também combater a argúcia “anacrônica”, da qual seriam vítimas e culpado(a)s o(a)s africano(a)s e afro-descendentes, e que constituiria um empecilho ao seu desenvolvimento, progresso, e entrada plena na globalização. Supondo que seja este o caso, seria preciso, de todo o modo, que se aceitasse levar a sério a questão dos conteúdos semânticos desse “anacronismo”, do que ele revela exatamente.³⁴

NOTAS

* Professor Universitário e Coordenador do Grupo de Pesquisa de Estudos Sobre o Negro da América Latina (GRENAL) CRILAUP(EA-764) Universidade de Perpignan *Via Domitia*- France.

** Pós Doutorado pela Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas).

¹ GLISSANT, Edouard. *Mémoires des esclavages*. Avant-propos de Dominique de Villepin, Editions Gallimard, Paris, France, 2007, pp. 29-30.

² BEYALA, Calixte. *Le petit prince de Belleville*. Roman, Editions Albin Michel, Paris, 1992, p.81.

³ Groupe de Recherche et d'Études sur les Noir-e-s d'Amérique Latine [Grupo de Pesquisa e de Estudos sobre os Negro(a)s da América Latina (GRENAL-CRILAUP) que fundei em 1997 e do qual sou, desde então, Coordenador.

⁴ Clément Animán Akassi & Victorien Lavou Zoungbo (éds), *Discursos poscoloniales y renegociaciones de las identidades negras*, Collection Marges N.32, CRILAUP, Presses Universitaires de Perpignan, 2010.

⁵ GLISSANT, Edouard. *Poétique de la Relation*. Poétique III, Editions Gallimard, Paris, 1990.

⁶ ZOUNGBO, Victorien Lavou. *Du migrant-nu au citoyen différé*. Collection Etudes, Presses Universitaires de Perpignan, 2003.

⁷ GILROY, Paul. *Atlantique noir Modernité et double conscience*. Éditions Amsterdam, Paris, 2010. (sobretudo o último capítulo desta obra)

⁸ Table ronde. De l'esclavage au Tout-Monde. In *Poétiques d'Edouard Glissant* (Colóquio Internacional: Poétiques d'Edouard Glissant, Paris-Sorbonne, 11-13 de Março, 1998), Textes réunis par Jacques Chevrier, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, Paris, 1999, pp. 55-81.

⁹ SANSONE, Livio et Al (éds). *La construction transatlantique d'identités noires: entre Afrique et Amériques*. Editions Karthala, Paris, 2010.

¹⁰ GLISSANT, Edouard. Intervention. In Table ronde *cit.* p.76.

¹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. Companhia das Letras, São Paulo, 1997/2010 ; DUNCAN, Quince. *Contra el silencio Afrodescendientes y racismo en el Caribe continental hispánico*. Editorial Universidad Estatal a Distancia EUNED, Costa Rica, 2001.

¹² MIAMPIKA, Landy-Wilfrid et Al. *Migraciones y mutaciones interculturales en España Sociedades artes y literaturas*. Universidad Alcalá de Henares, Servicio de publicaciones, Alcalá de Henares, 2007.; OTOBELA, Joseph Désiré. *Literatura rebelde desde el exilio Donato Ndongo*. Ediciones del Orto, Universidad de Minnesota, 2010.

¹³ CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe Postcolonial thought and historical difference, with a new preface by the author*. Princeton University Press, Princeton and Oxford, 2000.

¹⁴ TRAORÉ, Aminata. *L'Afrique humiliée*. Fayard, Paris, 2008.

¹⁵ MAMDANI, Mahood. *Citoyen et sujet L'Afrique contemporaine et l'héritage du colonialisme tardif*. Karthala, Paris, 2004.

-
- ¹⁶ MBEMBE, Achille. *Sortir de la grande nuit. Essai sur l'Afrique décolonisée*. La Découverte, Paris, 2010.
- ¹⁷ APPADURAI, Arjun. *Géographie de la colère. La violence à l'âge de la globalisation*. Editions Payot, 2007.
- ¹⁸ GILROY, P., *op. cit.*, p. 47.
- ¹⁹ GILROY, P., *op. cit.*, pp. 295-296.
- ²⁰ PARENT, Emmanuel, Editions. *Volume! Peut-on parler de musique noire*. vol.8-1, dossier coordonné par Seteun, Bordeaux, 2011.
- ²¹ TIROLIEN, Guy. *De Marie-Galante à une poésie afro-antillaise*. Editions Caribéennes GEREFF, Université Laval. Entrevistas reunidas por TÉTU, Michel (com o auxílio de Glenn Daven e da equipe GERF). Paris, 1990 (sobretudo o capítulo II intitulado *L'Afrique*, pp. 47-90)
- ²² BONACCI, Giulia. Ils nous ont emmenés en bateau et nous revenons en avion. Rentrer en Afrique pour réparer l'esclavage : des Caraïbes à l'Éthiopie. In: COTTIAS, Myriam et Al. *Les traites et les esclavages. Perspectives historiques et contemporaines*. Editions Karthala et CIRESC, Paris, 2010, pp. 249-255. Ver também do mesmo autor, *Pionniers et héritiers. Histoire du retour, des Caraïbes à l'Éthiopie (19^{ème} et 20^{ème} siècles)*. Paris, EHESS, 2007, Thèse de doctorat, Histoire et Civilisations.
- ²³ CAPELLI, Yasmin Ross. *El barco prometido*. (documental). Puerto Limon, Costa Rica, 2000, 51 minutos.
- ²⁴ Présence africaine. Les conditions noires. Une généalogie des discours. Gradhiva 10, Numéro spécial, Musée du quai Branly, Paris 2009; In: FABRE, Michel *La rive noire: de Harlem à la Seine*. Lieu Commun, Paris, 1985.
- ²⁵ Marronagem era o nome dado à fuga dos escravos nas Antilhas e Américas. Os próprios negros se autodenominavam “marrons”. A partir de meados do século XVI, o termo passa a designar os escravos fugitivos. (N.T.).
- ²⁶ Observa-se uma transposição significativa para a ficção dos valores exclusivos, caros a esses “retornados”, através do romance poético entre uma descendente dos «retornados» e seu amado africano/beninense, de COUAO-ZOTTI, Florent. *Les fantômes du Brésil*. UBU Editions, Paris, 2006.
- ²⁷ STRICKRODT, Silke. The Brazilian diaspora to west Africa in the nineteenth century. In: PHAF-REINBERGER, Ineke/ PINTO, Tiago de Oliveira, (eds). *AfricAmericas Itineraries, Dialogues and sound*. Iberoamericana-Vervuert, Madrid/Frankfurt, 2008, p.53.
- ²⁸ PARAÏSO, Jean-Yves. Les agoudas du Dahomey/Benin Mémoire vivante de la traite transatlantique. In: ZOUNGBO, Victorien Lavou et MARTY, Marlène (éds.). *Imaginaire racial et projections imaginaires*. Presses Universitaires de Perpignan, 2009, pp. 163-186.
- ²⁹ VERGER, Pierre. *Les Afro-américains*. Dakar, IFAN, 1952, pp.53-100; *Flux et reflux de la traite des nègres entre les golfs du Bénin et Bahia de Todos os Santos du XVIIIe au XIXe siècles*. Paris, Mouton, 1968.
- ³⁰ *Afrique (S) Une autre histoire du XIXe siècle*. DVD, Une série de Elikia M'Bokolo et Al, Réalisée par Alain Ferrari, Ina Editions, Paris, 2010.
- ³¹ MÉNIL, René. *Antilles déjà jadis précédé de Tracés*. Jean-Michel Place, Paris, 1999.

³² NAIPAUL, V.S. *La traversée du milieu*. trad. Marc Cholodenko, Feux Croisés, Plon, Paris, 1962/1994.

³³ LAVODRAMA, Philippe. La déraison raciste: afropessimisme imaginé et sémantique de la victimisation-stigmatisation. Quelques notes. In: ZOUNGBO, Victorien Lavou et MARTY, Marlène (éds.). *Imaginaire racial et projections identitaires*. Collection Etudes, Presses Universitaires de Perpignan, France, 2009, pp. 245-262 ; BOURGES, Hervé. *L'Afrique n'attend pas, essai*. Actes Sud, Paris, 2010.

³⁴ HARRIS, J.E. (dir). *Global dimensions of the African Diaspora*. Howard University Press, Washington D.C, 1982.

Data de envio: 29/06/2011

Data do aceite: 06/09/2011